

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

RENATA ASSUMPÇÃO MORAES

**UM ESTUDO SOBRE O MOVIMENTO TROPEIRO E SUA
INFLUENCIA NO TURISMO DE BAURU**

BAURU
2012

RENATA ASSUMPÇÃO MORAES

**UM ESTUDO SOBRE O MOVIMENTO TROPEIRO E SUA
INFLUENCIA NO TURISMO DE BAURU.**

Monografia apresentado ao Centro de Ciências e Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Turismo, sob orientação do Prof.º Ms. Paulo Renato de Paula Frederico.

BAURU
2012

Moraes, Renata Assumpção

M8277e

Um estudo sobre o movimento tropeiro e sua influência no turismo de Bauru / Renata Assumpção Moraes -- 2012.
36f.

Orientador: Prof. Me. Paulo Renato de Paula Frederico.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) -
Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

1. Movimento tropeiro. 2. Turismo. 3. Cultura. I. Frederico,
Paulo Renato de Paula. II. Título.

Dedico este trabalho a toda minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, filha e avó que me ajudaram muito para elaboração deste trabalho, assim como agradeço também o Profº Dr. Antonio Walter, Tito e Sandra, que possibilitaram a realização da minha pesquisa colaborando diretamente em minhas conclusões. Ao meu querido orientador Professor Paulo e ao Professor Élvio que me prestaram toda orientação e força para realização deste trabalho.

“Tem duas formas, ou modos, o que chamamos cultura. Não é a cultura senão o aperfeiçoamento subjetivo da vida. Esse aperfeiçoamento é direto ou indireto; ao primeiro se chama arte, ciência ao segundo. Pela arte nos aperfeiçoamos a nós; pela ciência aperfeiçoamos em nós o nosso conceito, ou ilusão, do mundo.”
(Fernando Pessoa)

RESUMO

O Movimento de Tropeiros na história do Brasil começa com a necessidade de transporte das minas preciosas na região de Minas Gerais, passando pelo interior do país transformando vilarejos em cidades, caminhos em estradas, costumes em cultura. O tropeiro começa seu trabalho como um simples peão e torna-se um propagador cultural por onde passa. Leva consigo o mular, comercializando produtos e criando feiras, também leva sua fome, desenvolvendo uma culinária típica, seu cansaço, originando paradas em fazendas, sua crença, construindo igrejas e por fim, leva consigo sua história, seus costumes, propagando a cultura dos trabalhadores de baixa renda que vivia nas tropas a caminho de sobrevivência. O trabalho expõe a história do tropeiro como agente propagador de cultura interiorana buscando demonstrar sua influência para o turismo pelas suas características. Através de pesquisa bibliográfica, e aplicação de questionário, é possível observar o quanto importante é o tropeiro para a história territorial, cultural e turística para a região de Bauru, uma vez que a cidade foi constituída por caminhos feitos por esses agentes, expandindo toda a região. Além de demonstrar a importância do movimento tropeiro para o evento cultural e turístico que ocorre todos os anos na cidade de Bauru, a pesquisa explica e responde a questão da influência do tropeiro para o turismo regional através de sua potencialidade cultural visando seus caminhos, costumes e dificuldades. A conclusão chegada é da importância da manutenção da cultura através dos eventos folclóricos que a cidade desenvolve e como isso afeta seu *trade* turístico, uma vez que o evento trás visitantes de toda a região e os mostra que Bauru é um destino de potencial turístico que deve ser mais explorado, visando o crescimento socioeconômico através de investimentos na área turística, no âmbito educacional, a fim de incentivar a própria população bauruense a cultivar cultura e também no quesito divulgação cultural e turística da cidade.

Palavras-chave: Movimento Tropeirista. Cultura. Turismo.

ABSTRACT

The movement of Cattle in Brazil's history begins with the need to transport precious mines in the region of Minas Gerais, through the interior of the country turning villages into towns, roads, and customs in culture. The Drover starts his work as a simple pawn and becomes a cultural spreader wherever he goes. Carries the mear, commercializing products and creating trade show, also takes your hunger, developing a typical cuisine, your weariness, stops at farms, their belief, building churches and finally, takes with its history, its customs, propagating the culture of low-income workers who lived in troops on their way to survival. The work exposes the history of cinnamon as a propagator of provincial culture seeking to demonstrate their influence for tourism for its features. Through bibliographical research, and application of the questionnaire, you can see how important the Drover is for territorial, cultural and tourist history for the region of Bauru, since the city was composed of tracks made by these agents, expanding throughout the region. In addition to demonstrating the importance of cinnamon for the tourist and cultural event that takes place every year in the city of Bauru, research explains and answers the question of the influence of cinnamon for the regional tourism through their cultural capability to their ways, customs and difficulties. The arrival is the importance of maintaining culture through folklore events that the city develops and how it affects its tourist trade, since the event brings visitors from all over the region and shows that Bauru is a destination of tourism potential that should be further explored, aimed at economic growth through investments in tourist airing education, in order to encourage the very population bauruense to cultivate culture and also in terms of cultural and tourist dissemination.

Keywords: Tropeirista. Culture. Tourism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	A HISTORIA DO TROPEIRISMO.....	11
2.1	DO CAMINHO DAS MINAS AO DESCOBRIMENTO DA NECESSIDADE DO TRANSPORTE.....	11
2.2	SURGEM O TROPEIRO COM SEUS MUARES.....	14
2.3	O DECLÍNIO DO MOVIMENTO TROPEIRO.....	17
3	A CULTURA TROPEIRA E O TURISMO.....	18
3.1	O TROPEIRO COMO PROPAGADOR CULTURAL.....	18
3.2	NO CAMINHO DAS TROPAS, O TURISMO ACONTECE.....	21
4	O MOVIMENTO TROPEIRO E O EVENTO CULTURAL NA CIDADE DE BAURU.....	24
4.1	REVELANDO SÃO PAULO – FESTIVAL DA CULTURA PAULISTA TRADICIONAL	24
4.2	FESTIVAL DA CULTURA PAULISTA TRADICIONAL NA CIDADE DE BAURU.....	26
5	TROPEIRISMO COMO IMPOTANCIA CULTURAL E TURISTICA PARA A CIDADE DE BAURU SEGUNDO A ENTREVISTA.....	28
6	CONCLUSÃO.....	32
	REFERENCIAS.....	34
	APENDICES.....	36
	ANEXOS.....	

1 INTRODUÇÃO

Quando a palavra tropeiro surge, nasce com ela um personagem marcante, de importância e significado fortes, de cunho social, econômico, cultural e de extraordinária valia para um tempo marcante. Era o Brasil colônia e logo o Brasil império, e nesta transição o tropeiro desenvolveu um papel importantíssimo para a formação do país, principalmente na região Sul, Sudeste e Centro Oeste, formando vilas e povoados, transmitindo cultura e fomentando negócios por onde passava.

O trabalho se divide em quatro capítulos, sendo o primeiro destinado a história do tropeiro, como este movimento surgiu e se desenvolveu, articulando todo o interior do país e agindo diretamente na vida de todos como um agente cultural, ou como surge à necessidade de transporte, a ideia de utilizar as mulas e como é dividido o trabalho nas tropas, seu declínio por conta dos avanços tecnológicos e as máquinas que entraram para substituir de vez o uso dos animais como cargueiros.

O objetivo desse trabalho é demonstrar que o movimento tropeiro pode ter influenciado o turismo regional interiorano nas proximidades de Bauru.

A cidade recebe a manifestação sem muita importância, pois percebe-se que o poder público não dá a atenção necessária para o evento, pois há pouca divulgação do acontecimento. O mais agravante é a falta de incentivos educacionais que a população sofre pelo desinteresse de conhecimento pela cultura. A importância deste trabalho não restringe apenas em mostrar através dos métodos e técnicas de pesquisa o quanto importante e possível é desenvolver turismo através da história regional brasileira, como também registrar a mesma história para não cair no esquecimento de como nosso interior foi habitado, que já faziam turismo por meio de transporte de tração animal e demonstrar que através do folclore que está a sustentação da cultura, das raízes. Já para a sociedade o estudo aqui desenvolvido vem explicar como a população em um espaço geográfico e físico foi habitada e como o turismo tem forte influência para a evolução socioeconômica de uma comunidade, trazendo cultura e nutrindo crenças e atitudes para criar tudo que cerca as grandes comunidades.

É a transculturação difundida nas raízes do turismo, pois através desta troca cultural que surgiu o interesse pelo diferente e a busca por novos

lugares, pessoas e costumes só podendo ser feito por um deslocamento, por um turismo. O mesmo turismo que é fonte de sabedoria uma vez que move as pessoas na aproximação de suas atitudes e através deste fenômeno de deslocamento chega-se a conclusão que ser diferente é extraordinário.

Já o segundo capítulo é mostrado a cultura tropeira e o turismo, como elo unificado dentro deste movimento, sendo citado como eram feitos seus caminhos, como a figura tropeira encarava sua rotina de perigos e dificuldades em toda sua simplicidade, nos acampamentos, na culinária e religiosidade, que trazia a fé para não desistir diante dos empecilhos que surgiam nas matas que eram desbravadas por esses peões, camaradas, aprendizes e condutores, que juntos passavam por uma vida difícil e rude para serem independentes, livres, contudo sofridos, fortes e acreditados. O turismo aparece nas caminhadas e trilhas, nos alojamentos e paradas, nos seus costumes e valores, nas suas crenças e vestimentas. O fator econômico aqui é posto como elemento fundamental, sendo o tropeiro o agente de negócios, o mensageiro da civilização, o comerciante, o banco da transferência de dinheiro uma vez que era esta figura que passava de vilas em vilas levando e trazendo novidades, notícias, trocas de costumes, de visões, de comércio, de notícias, de mercadoria. O verdadeiro agente cultural e turístico de maior potencial para a época.

Após esta introdução da vida tropeira, o terceiro capítulo identifica como este movimento em um evento cultural pode resgatar no elemento humano suas raízes e curiosidade, celebrando com festividades e difundindo os elementos culturais enraizados no interior do Brasil para trazer em pauta a grande importância e influência que as raízes de uma população atribuem em todos os aspectos na rotina dos brasileiros, hoje tecnológicos, porém com hábitos e costumes ainda ancestrais. Este apresenta o Revelando São Paulo, um Festival da Cultura Paulista Tradicional, em primeiro momento demonstrando os objetivos e procedimentos do mesmo, logo contando como o Festival aconteceu na cidade de Bauru e qual sua importância para a mesma em termos culturais, turísticos e, por conseguinte socioeconômicos.

No quarto capítulo, o trabalho vem demonstrar através de uma metodologia de pesquisa direta, quantitativa descritiva, por meio de entrevista, a influência que o tropeirismo possui para o turismo na cidade de Bauru. A

entrevista foi realizada com dois agentes culturais que atuam na cidade de Bauru no Instituto Cultural Yauaretê, Tito Pereira e Sandra Macedo Pereira, juntamente com o Profº Dr. Antonio Walter Ribeiro de Barros Jr, atuante na Universidade do Sagrado Coração e um amante nato de cultura e arte.

2 A HISTORIA DO TROPEIRO

2.1 O CAMINHO DAS MINAS AO DESCOBRIMENTO DA NECESSIDADE DO TRANSPORTE.

Com a descoberta de ouro em minas Gerais no início do século XVIII, gerou um grande movimento migratório para a região e com isso um despovoamento dos núcleos coloniais, grupos de indivíduos de todas as condições sociais diferentes que viviam nas colônias dos grandes e médios produtores, principalmente das capitais das províncias, do sertão nordestino e do litoral açucareiro, pois vinham com a idéia de enriquecimento rápido. (STRAFORINI, 2010)

Segundo Ribeiro (1994, p. 372), constata que,

[...] desde as primeiras notícias dos descobrimentos auríferos, multidões acorreram as áreas de mineração, vindas de todo o Brasil e, posteriormente, também de Portugal. Em poucos anos, aquelas regiões desertas transformaram-se na área mais densamente povoada das Américas, concentrando cerca de 300 mil habitantes por volta de 1750.

Portanto percebe-se que de início, Portugal não se incomodou com o crescimento populacional, pois quanto mais mão de obra, mais ouro e conseqüentemente mais impostos, contudo, esse movimento migratório tomou tamanha proporção que a Coroa Portuguesa teve de criar inúmeras leis para conter a migração e não esvaziar as demais regiões da colônia, como a região açucareira e as vilas que faziam parte da estratégia ocupacional das fronteiras do Brasil.

No momento que ocorre o desinteresse da população pela agricultura de subsistência, preocupada apenas com a mineração e vivendo de uma utopia generalizada de enriquecimento rápido, surge a primeira conseqüência deste aumento populacional, ou seja, a crise de abastecimento interno de alimentos. (STRAFORINI, 2001).

Quando esta migração ocorre, os meios de transporte não faziam parte da pauta dos colonizadores que até então mantinham suas vilas em lugares estratégicos, no litoral e próximo aos portos para exportação.

Para Rafael Starofini (2001, p.22), saliente que,

[...] Durante os dois primeiros séculos de colonização, o interior brasileiro pouco foi explorado, tornando-se numa imensa região praticamente desconhecida. As poucas vilas localizadas próximas as faixas litorâneas, ficavam à margem da vida colonial, pois o acesso a elas era quase impossível, principalmente pela carência de estradas que comunicassem esses dois mundos tão distantes, o do interior inóspito, mais rico em metais preciosos e , o do litoral, que concentrava as principais vilas e cidades.

Pode-se dizer que foi graças à mão de obra escrava e desumana de índios e afros descendentes que a mineração foi possível neste momento, pois foi através desta mão de obra que se deu primeiramente o abastecimento como meio de transporte.

Assim surge a primeira contradição deste novo espaço, ou seja, a exploração máxima das minas com a utilização de um meio de transporte desumano, rudimentar, caro e pouco eficiente, feito pelos escravos e indígenas, já que o espaço físico não ajudava e até então era desconhecido pelos exploradores do nordeste açucareiro, impossibilitando o carro de boi antes muito utilizado. (STRAFORINI, 2001).

A mão de obra indígena passa a ser um grande negócio neste momento, pois muitos paulistas que adentravam no interior do país, intensificaram a busca da mercadoria humana, ou seja, o índio, para ser vendido como mão de obra nas minas ou como carregadores de mercadorias. O lucro gerado pela tráfego de índios explica a ânsia dos bandeirantes em adentrar cada vez mais pelo interior, enfrentando um mundo tão inóspito, repleto de dificuldades, como a mata fechada, animais selvagens e o confronto direto com aqueles que lhe rendiam alguma riqueza, o índio. Sabendo das Missões Jesuítas, onde concentrava maior população indígena, o mesmo bandeirante ia ao encontro do lucro que lhe esperava desde o sul até a Capitania de São Paulo. No percorrer destas caminhadas encontraram não só índios mais também gados vacum (bovinos e algumas espécies de búfalos) e cavalos (cavalos). Contudo, não deram importância para estes, queriam apenas o índio naquele momento. (STRAFORINI, 2001).

Portanto, os missionários foram praticamente os únicos no processo de colonização ao Sul do país, e o desenvolvimento econômico das Missões era

grande, visto que tinham através do gado, sua principal fonte de recursos, pois comercializava lã, couro e também vendiam mulas e burros nas cidades.

Segundo Trindade (1992), durante a primeira metade do século XVIII, o conjunto missionário tornou-se num vasto empreendimento coletivo, consolidando a posse de uma base territorial espaçosa. Além da agricultura de subsistência que circundava as povoações, havia grandes terrenos ocupados por ervas, que eram até exportadas para o Peru.

Para Portugal e Espanha, o Sul do Brasil sempre foi motivo de conflitos, ainda mais com a descoberta de ouro em Minas Gerais. Portanto, foram feitos vários tratados entre as colônias para resolver os problemas de fronteiras e outros contra o inimigo de ambos, o índio. Sendo em 1750, assinado um tratado contra os inimigos guarani, chamado de Tratado de Madri com objetivo de tirá-los da luta pela terra, tanto que, em 1761, após esmagarem os nativos, o conflito entre as Metrôpoles recomeçou resultando no Tratado de Santo Ildefonso em 1777, onde Portugal perdia por definitivo a colônia de Sacramento e grande parte da Região Sul. (STRAFORINI, 2001).

Pode-se notar que com o crescimento da mineração, o elemento humano (índio e negro), não conseguiu mais atender a demanda do transporte de mercadorias entre o litoral e interior imposta pela economia de exportação. Não porque os mineiros consideravam esse trabalho desumano, mas porque se tornara inviável, dispendioso economicamente, uma vez que, para o transporte, era necessário um número muito grande de escravos e, o preço no mercado estava muito alto.

O mar encontrado nos campos do sul e ignorado durante anos, tornou-se a alternativa mais adequada para resolver o problema do transporte. Os escravos deixam de servir como meio de transporte e passam para o trabalho direto nas minas. Sua mão de obra jamais foi colocada em dúvida. (STRAFORINI, 2001).

Por fim, pode-se afirmar que novamente ocorre um conflito entre Portugueses e Espanhóis em 1801, com uma invasão ao Rio Grande do Sul por parte dos espanhóis, sendo derrotados pelos brasileiros-portugueses, conquistando definitivamente a região. Agora, tendo dentro de suas fronteiras, uma grande região de campos naturais e quantidade significativa de gados, a comercialização do mar se intensifica.

Como Trindade (1992:27) coloca, “As estâncias coletivas dão lugar para o latifúndios particulares e os tropeiros de fora tornam-se os negociantes que afluíram na região.”

2.2 SURGEM OS TROPEIROS E SEUS MUARES

Segundo Rafael Straforini (2001, p.24), cita em seu livro,

[...] Toda a comercialização do muar encontrado no Sul (tropas xucras) destinada para o Brasil Central, ou seja, região de Minas Gerais, Mato Grosso, além de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e outras Capitânicas onde era utilizada como meio de transporte (tropa arriada ou tropa de carga).

Contudo esse deslocamento era feito por trilhas inóspitas, repletas de dificuldade por conta da vegetação, topografia, chuvas e ataques dos índios e saqueadores.

A idéia de que não existia divisão social de trabalho no tropeirismo é ingênua, pois nem todos desenvolviam a mesma função ou desfrutavam da mesma condição social. Para entender como as divisões eram feitas, primeiro é necessário compreender as funções existentes e os conflitos que empertigavam o interior do mundo tropeiro. (STRAFORINI, 2001).

O dono da tropa era o que levava boa parte dos lucros, pois os camaradas, cozinheiros, aprendizes e condutores, quando assalariados, com certeza não recebiam grandes quantias de dinheiro, além de terem tarefas bem definidas.

Uma visão interessante deste aspecto é de Mattos (1984, p.20) que coloca,

[...] Essa imensa massa proletária de peões só participava da riqueza gerada, mediante a comida e o misero salário daqueles tempos. Eram ao que mais se arriscavam e os que menos ganhavam.

A mesma distribuição social era também territorial do próprio trabalho. Segundo Klein (1989) o tropeirismo era um sistema de produção com nítida divisão territorial de trabalho. Cabia aos gaúchos a criação dos animais, aos

paranaeses o aluguel de campos para as invernadas, além de terem também campos criatórios, e aos paulistas, a comercialização das feiras realizadas em Sorocaba, pois era a partir delas que os animais eram distribuídos para todas as regiões articuladas na economia mercantil colonial. Enquanto no sul a divisão territorial do trabalho gerou um espaço predominantemente criatório, no Brasil Central, o espaço era articulado em infinitas redes de rotas, possibilitando a comunicação e a inserção de lugares “perdidos” na economia brasileira e mundial.

Os negociantes de animais estavam articulados nos espaços da criação, pastagem, adestramento e da comercialização.

Franco (1974) menciona que os negociantes de mueres ganhavam com a comercialização e esses animais não eram domados, ou seja, para realizarem as rotas com essas xucras não dava para transportar mercadorias, com exceção dos animais que levavam os suprimentos do grupo.

Portando, nota-se que estes mesmos animais eram domados nas fazendas especializadas em Itapetininga e Itapeva para as feiras de Sorocaba, pois os negociantes já os queriam domados para o transporte e porque posteriormente poderiam conseguir um valor maior em sua comercialização.

Após o enriquecimento dos negociantes, os mesmos não viajavam ao Sul para buscarem animais e acabavam se instalando nas por onde se estabeleciam. Carregavam com a tropa, um homem de confiança, o capataz, para organizar e controlar todo o trabalho. Já os condutores estavam inseridos no meio da circulação, ou seja, para a economia mercantil, como as regiões de metais preciosos como Minas Gerais, açúcar e a própria capital, Rio de Janeiro. Ainda podemos encontrar uma diferenciação dentro das tropas como os camaradas e alugadores.

O tropeiro era o chefe, o dono da tropa, aquele que ganhava porcentagem em dinheiro ou mercadorias como forma de pagamento pelo serviço prestado. Contratava os camaradas, cozinheiro e aprendizes. Segundo Trindade (1992:16), os tropeiros eram “[...] grupos de homem transportando regularmente manadas de gado vacum, cavalar e muar (as tropas) do lugar de criação para locais de consumo [...]”, e do lugar de consumo para os portos localizados no litoral.

Alguns autores como Almeida (1971) relaciona as condições naturais com o condicionamento no que diz respeito ao pessoal envolvido com o tropeirismo, uma vez porque, o homem só poderia vencer as forças da natureza se já adaptado a ela. Logo surge o peão, mistura de branco com negro ou com índio, que começa com uma tropa e posteriormente torna-se poderosos tropeiros.

Almeida (1971, p.36) coloca em uma de suas passagens que,

[...] Com razão se considera o paulista o mais forte, saudável e energético habitante do Brasil. O vigor muscular com que amansam os cavalos bravios e o gado selvagem por meio de laço é tão maravilhoso, como a facilidade com que suportam contínuos trabalhos e canseiras, fome e sede, frio e calor, intempéries e privações de toda a sorte.” E assim era feito o tropeiro, “o arreio, o almocreve, que todos eram uma mesma e única coisa.

E o tropeiro era feito assim segundo Almeida (1971, p.36): “[...] o arreio, o almocreve, que todos eram uma mesma e única coisa.”

Enfim, os negociantes e alugadores de tropas enriquecidas ficavam na cidade e os capatazes faziam a rota das tropas juntamente com os camaradas e aprendizes que percorriam à pé e descalços, pois o mular não poderia carregar humano, precisavam chegar bonitos, fortes e resistentes as feiras de Sorocaba.

2.3 O DECLÍNIO DO MOVIMENTO TROPEIRO.

Por 165 anos os tropeiros foram o meio de transporte que carregava todo tipo de mercadoria formando ao longo de suas rotas, vilas, cidades, comercialização, desenvolvimento e integração dos habitantes nacionais. Contudo, o que teria ocorrido para o abandono das tropas como meio de transporte?

Este é o assunto em pauta de grandes discussões entre pesquisadores, ainda mais quando se refere à participação da ferrovia.

Schmidt (1959) coloca que a ferrovia foi sim a decadência das tropas, utilizando do argumento que a expansão dos trilhos para o oeste paulistano bem como a estrada que liga São Paulo ao Rio de Janeiro superou em muito a capacidade do transporte do café para o porto de Santos que anteriormente era feito pelos mares.

A controversa quanto à ferrovia ter encerrado a utilização do mar como meio de transporte para o autor Oliveira (1983), que coletou através de depoimentos de antigos tropeiros da região de Itapetininga o quanto há dinamismo nesta atividade ainda durante o século XX. Justifica que as ferrovias não ligavam todos os lugares no interior de São Paulo, portanto os mares eram utilizados nos serviços internos dos cafezais e canaviais, como na preparação da terra e mesmo para o transporte do café até as estações. Em 1935, existiam em torno de 30 a 50 tropeiros no sul do Estado que traziam cerca de 30.000 cabeças de mulas para São Paulo.

Portanto, pode-se notar que este novo meio de transporte ajudava aqueles que os desenvolveu economicamente, ou seja, os grandes fazendeiros cafeicultores e as regiões de maior produção. Já os pequenos e médios produtores ainda utilizavam o mar como meio de transporte.

É impossível negar que a estrada de ferro tenha influenciado na decadência do movimento tropeiro, porém não foi o elemento determinante.

Neta fase o automóvel ainda estava em teste. Após seu aparecimento como meio de transporte de cargas e arado, o mar desapareceu. Foi substituído pelas máquinas. Em 1950, os tropeiros deixavam definitivamente de conduzir tropas de mares do sul. Segundo Trindade (1992:73) o trator e o caminhão passaram a ser utilizados em maiores escalas nas lavouras. Com Juscelino Kubitschek vigora o Brasil do automóvel. É o fim do tropeirismo.

3 A CULTURA TROPEIRA E O TURISMO

3.1 O TROPEIRO COMO PROPAGADOR CULTURAL.

O tropeirismo surge em tempos de mudanças, e para um Brasil de escravidão e sociedade senhorial pautada pela moral católica e devota do ócio, o transporte de mercadoria, visto como uma atividade imoral ficou a cargo de homens livres, pobres que não tinham outra opção a não ser as tropas.

As más condições das estradas onde apenas passavam as tropas com muares levaram a necessidade de descanso dos animais e condutores, assim foram estabelecidos ranchos e abrigos para cada dia trabalhado. Estes eram oferecidos pelos fazendeiros, para que os tropeiros que transportavam seus produtos pudessem descansar e seguir viagem na madrugada seguinte. (ALGATÃO, 2010).

Após estabelecidos estes ranchos, era construído uma capela, por conta da devoção que todos tinham, e logo abria uma venda onde oferecer suprimentos básicos aos tropeiros e viajantes que ali passassem. Depois algumas famílias fixavam moradia ao redor e estava iniciando mais uma vila no interior do estado. Muitas das pequenas vilas de outrora constituíram prósperas cidades como Campinas e Jundiaí em São Paulo e Pouso Alegre em Minas Gerais (ALMEIDA, 1971).

Nota-se então que a região que ilustra com maior propriedade essa particular dinâmica do tropeirismo associada à expansão cafeeira é o Vale do Paraíba, devido a sua proximidade com a capital administrativa e política do Império e a grande geração de riquezas para o país no período mencionado.

As primeiras fazendas de café da região foram estabelecidas no lado fluminense do Vale do Paraíba, em algumas cidades como Barra Mansa, Barra do Piraí, Valença e Vassouras. Em pouco tempo, a onda cafeeira tomou os espaços agricultáveis do sul fluminense e adentrou o território paulista através das cidades limítrofes de Bananal e Ubatuba, além de Ilha Bela (MILLIET, 1982).

O tropeiro, homem simples, foi indiretamente o responsável pela manutenção do modo de vida da elite, pois era através de suas tropas que se transportava a produção dos fazendeiros, que comercializada, sobretudo no porto do Rio de Janeiro, e rendia as divisas necessárias para enviar seus

filhos à Europa e prepará-los para ingressar no cenário político após seu retorno. (ALGATÃO, 2010).

Contudo, apesar do forte vínculo com os fazendeiros, os tropeiros eram livres para negociarem com outros fazendeiros, mesmo que ambos fossem inimigos políticos.

E a ocupação de todas as cidades deu-se em acordo com a vocação natural de ranchos de tropa: agregar serviços e gentes de modo a que em todas essas paragens fosse possível o abastecimento e a conseqüente manutenção da tropa.

As cidades que ficavam mais próximas da capital do Império foram as que mais se desenvolviam, ganhando prédios luxuosos, com técnicas de construção inspiradas nas construções da corte, mostrando que a nobreza rural mantinha íntimo contato com a urbe, acompanhando-a em todas as suas tendências.

Segundo o artigo de Alгатão (2010),

[...] Nas cidades cuja vocação primeira era o abastecimento, tudo girava em torno da tropa, da produção de bens de consumo à da fermentaria, inclusive as relações sociais eram ditadas em função dessas atividades, sendo impensável, no cenário urbano ou rural, o desenvolvimento de alguma atividade que nada tivesse a ver com a tropa.

Portanto a figura do tropeiro tornou-se emblemática e o Vale do Paraíba é o cenário por excelência para a descrição da atividade e da influência dela no modo de vida dos habitantes, porque ali ela está intimamente ligada, por meio de seus valores culturais e de sua participação, à viabilização da economia local.

As cidades mais à beira do Rio Paraíba do Sul, no estado de São Paulo, utilizaram seus espaços agricultáveis quase em sua totalidade, dedicando-se à cultura daquela rubiácea. Os nobres locais, com o dinheiro obtido, dotaram suas cidades com infra-estrutura somente comparável com a que havia no Rio de Janeiro, capital imperial; caso da cidade de Lorena (SOBRINHO, 1967).

Percebe-se que as tropas que levavam os produtos rurais para serem vendidos também eram responsáveis por trazer ao interior os bens de

consumo que vinham do exterior, já caídos no gosto popular, como tecidos, itens de toucador, ferramentas, entre outros.

Não apenas as classes abastadas, mas todos os que viviam nas cidades interioranas, em certa medida, consumiam os produtos trazidos pelos tropeiros, já que não havia fábricas no Brasil. Todas as “novidades” vindas do exterior encontravam ampla aceitação e assimilação no meio rural brasileiro. (ALGATÃO, 2010).

Conclui-se que o tropeiro, durante o século XIX, como foi dito, mostrou-se um agente articulador de duas realidades, a vivida no litoral, de influência externa, de contato maior com os avanços tecnológicos, e a realidade do interior, ainda presa ao passado colonial, cultivando as tradições transmitidas e assentadas num modo de vida menos influenciado pelas grandes cidades.

O que se percebe é que, graças à existência da figura do tropeiro, se quebrou um hiato entre ambas as realidades; devido à presença desse agente, os dois mundos conectaram-se, as novas tendências encontraram penetração no interior das províncias, as cidades do interior modernizaram-se. Nesse caso, o tropeirismo cumpriu seu papel de não apenas ser um transportador de mercadorias, mas também de tendências, modismos, novos hábitos.

O tropeiro no século XIX foi o responsável pela transmissão da cultura brasileira em todos os cantos pelos quais passou, o que não é pouca coisa dadas as continentais dimensões do nosso país. (ALGATÃO, 2010).

Portanto, conclui-se que o Tropeiro, apesar de enquadrado como um tipo humano do século XIX, sujeito às relações de dominação social, ao quebrar essa lógica difundindo a cultura brasileira e agindo autonomamente, mesmo num período em que praticamente todos os negócios de alguma forma eram “regulados”, prestou-nos um grande favor: grande parte do desenvolvimento do interior só foi possível graças a esse ousado empreendimento mercantil, que constituiu cidades, atraiu povos e gentes, consolidando a expansão demográfica e espacial do Brasil.

3.2 NO CAMINHO DAS TROPAS, O TURISMO ACONTECE

A Estrada Real, segundo Sathler (1999), nos 400 Km que separam Ouro Preto e Diamantina-MG, tem hoje, grande valor turístico para Minas Gerais, semelhante ao Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha. Essa estrada era utilizada pelos tropeiros, na época do Brasil colonial ao Brasil republicano. A estrada é hoje, estruturada e conservada em relação ao meio ambiente, oferecendo dados culturais, folclóricos, históricos e geográficos aos visitantes. Os tropeiros foram os primeiros operadores de turismo do Brasil para o autor. Trilhas do ouro e dos diamantes extraídos de Minas Gerais à Coroa Portuguesa, a Estrada Real é o maior roteiro turístico do Brasil. Os 1.400 Km. de estradas passam por 162 municípios mineiros, 8 no Rio de Janeiro e 7 em São Paulo, onde várias cidades se desenvolveram ao longo da Estrada Real.

No auge da mineração, esses caminhos se viram percorridos por vários visitantes: paulistas, baianos, pernambucanos e europeus, além de tropeiros do sul e do Vale do Paraíba, e apesar da grande extensão conhecida hoje, a Estrada Real é composta por três caminhos diferentes: o Caminho Velho – que se inicia na cidade de Paraty e segue em direção a São Paulo, o Caminho Novo – que parte do Rio de Janeiro e vai até Ouro Preto e, a Rota dos Diamantes – que vai de Ouro Preto até Diamantina (SANT’ANNA, 2006).

Pode-se notar que a Estrada Real foi fundamental para a história, povoamento da região e da colonização de vastas regiões do território brasileiro, tornando-se verdadeiro eixo histórico-cultural.

O Projeto Estrada Real que está sendo realizado por iniciativa do Programa de Incentivo e Desenvolvimento do Potencial Turístico da Estrada Real, integrado por pesquisadores de diversas áreas, tem como um dos objetivos, realizar o levantamento do potencial turístico da Estrada Real enquanto produto eco turístico, uma vez que, durante o trajeto, existe uma paisagem exuberante e nativa, com córregos, cachoeiras, rios, muitos deles localizados no interior da Mata Atlântica e com grandes bolsões de Mata Nativa (PASIN, 2004).

Para implementar o Projeto Estrada Real, percebe-se a preocupação em planejar a atividade turística, principalmente com a capacitação das

comunidades envolvidas, visando minimizar os efeitos dos impactos provocados e melhor aproveitamento dos produtos e seus diferentes atrativos.

Menezes (2004) cita que a Estrada Real deve ser construída culturalmente, dando-lhe significados históricos e preservar-lhe a memória.

Nesse sentido se traçarmos um paralelo entre a importância histórica da Estrada Real e os Caminhos de Tropeiros, podemos referenciar uma parte importante da história do Brasil e recuperar trechos onde ainda podem ser encontrados fatos e memórias essenciais para toda a região, redescobrimo o seu patrimônio cultural e natural.

No trajeto principal da Estrada dos Tropeiros, que liga Bananal a Silveiras, surgiram cidades que hoje, ainda conservam suas construções históricas e atrações naturais, porém, poucos sabem a respeito dos demais trechos que passam pelo Vale do Paraíba e por muitas cidades que foram essenciais para o desenvolvimento do Tropeirismo. Por isso a necessidade de um turismo rural através das rotas que constitui cultura, historia, folclore e outras atividades ligadas diretamente a atividade turística. (ALGATÃO, 2010).

4 O MOVIMENTO TROPEIRO E O EVENTO CULTURAL NA CIDADE DE BAURU

4.1 REVELANDO SÃO PAULO – FESTIVAL DA CULTURA PAULISTA TRADICIONAL

[...] Com a proposta de difundir a diversidade da cultura tradicional do Estado, o Revelando São Paulo, em sua 16ª edição, estimula paulistas do interior e da capital a conhecer sua própria história, contada por meio de suas tradições. Nesta grande festa popular, a pluralidade da mesa paulista, assim como o artesanato, a música, o folclore e as danças tradicionais de várias regiões reúnem-se no mesmo espaço, em uma grande celebração multicultural que envolve 200 municípios.” (REVELANDO, 2012).

O Programa Revelando São Paulo, criado pela Abaçai Cultura e Arte – Organização Social de Cultura do Estado de São Paulo, em parceria com o Governo do Estado de São Paulo, que ocorre há 15 anos, é um articulador e promotor de ações e políticas culturais em todo o Estado, que envolve pesquisas, relações institucionais, contatos com as mais diversas comunidades, diálogos e parcerias com os dirigentes culturais dos municípios e com instituições privadas de natureza cultural e/ou educacional.

Este propõe a busca da importância da cultura imaterial, de saberes e fazeres de várias comunidades tentando manter essas riquezas culturais através de extroversão envolvendo as estâncias municipais e estaduais para garantir a sua continuidade através do festival.

O Programa também prestigia, apóia e incentiva as pessoas, os grupos e instituições que buscam manter e difundir as manifestações culturais fielmente ou com releituras sérias.

Seu objetivo é através deste encontro de culturas obter a troca de experiências, a articulação entre as comunidades, a extroversão dos saberes e fazeres para um público ainda maior onde ocorre o Festival. Sempre com o propósito de revelar e valorizar a cultura.

No Festival, participam mais de 250 grupos de cultura tradicional, como batuques, folias, jongsos, congos, grupos folclóricos de comunidades de imigrantes, cururus, comunidades indígenas, tranças fitas, bandas e fanfarras,

irmandades religiosas, quilombolas, tropas, violeiros e orquestras de violas, ciganos, fandangos, além da rica culinária paulista e artesanato distribuídos em 180 estandes presentes nos dez dias de festival. Pode-se afirmar que a edição que ocorre na capital paulista é com certeza o maior evento de Cultura Tradicional do Brasil, ultrapassando a marca de um milhão de visitantes durante os dias de Festival.

Neste Festival acontece o Rancho Tropeiro que apresenta a culinária originária do movimento tropeiro entre os séculos 18 e 19. Esse movimento constituiu-se a partir da necessidade de abastecimento com produtos básicos para alimentação e trabalho nas regiões das minas gerais, no auge das descobertas das jazidas. A comida apresentada é típica dos tropeiros, como o toucinho, feijão preto, farinha, pimenta-do-reino, café, fubá e coité (um molho de vinagre com limão, espremido).

A importância de tal evento é o que move as pessoas a entrarem em contato direto com suas raízes e questionarem e compreenderem o porquê dos encontros familiares para comer um arroz tropeiro ou então a oração feita para pedir força a fim de continuar a caminhada, ou seja, tudo que envolve o cotidiano, as crenças, os modos de integração, que o ser humano atribui. Tudo que vem acontecendo de geração a geração é difundido pelos agentes culturais da história do país, e o tropeiro, sem dúvida alguma, contribuiu muito para o desenvolvimento das comunidades do Brasil.

4.2 FESTIVAL DA CULTURA PAULISTA TRADICIONAL NA CIDADE DE BAURU

O Revelando São Paulo também aconteceu na Cidade de Bauru no ano de 2008 com uma programação incrível a fim de difundir as maravilhas que a região possui com o intuito de propagar para todos os que se interessam por cultura e buscam através destes festivais um contato mais direto com o antepassado das comunidades que habitavam as regiões anteriormente.

Este mesmo festival contou com uma programação maravilhosa, com participações das populações e grupos culturais de Marília, Duartina, Lençóis Paulista, Jaú, Boracéia, Espírito Santo do Turvo, Pirajuí, Avaí, Ourinhos, Bocaina, Cerqueira César, Barra Bonita, Dois Córregos, Torrinha, Agudos, Araçatuba, Bernardino de Campos, Palmital, São José dos Campos e outras várias cidades da região que estiveram presentes para celebrar a rica cultura interiorana.

As atividades foram realizadas em diversos pontos da cidade de Bauru, começando em seis de agosto com o Encontro Transreligioso na Praça Rui Barbosa, seguindo com atividades até o dia dez de agosto no Sambódromo.

A realização do Revelando São Paulo se deu na mesma época em que Bauru comemora o mês do folclore promovendo atrações especiais. Por conta disso, algumas atividades do Festival do Folclore acabaram sendo incorporadas pelo Revelando São Paulo. Uma delas foi a Cavalcada dos Tropeiros, que, no último dia do festival, 10 de agosto, saiu da Avenida Nações Unidas e chegou ao Sambódromo uma hora mais tarde, às 11h da manhã. Tito Pereira, responsável pelo Festival do Folclore, explica que excepcionalmente por causa do Revelando São Paulo, atrações de outros estados não fizeram parte da programação do evento no ano de 2008. A decisão foi tomada em virtude da proposta do festival, que se restringiu ao estado.

Outra característica única desta edição foi a celebração do centenário da Umbanda. Entre outras atrações, a comemoração contou com o show "Terra de Deus Repentista", do cantor e compositor alagoano Carlos Budy. O músico é o dirigente espiritual do Templo Guaracy e fez sua apresentação no Sambódromo dia 9 de agosto.

Foram 28 estandes de culinária e 44 espaços nos quais os municípios participantes exibiram suas peças de artesanato.

A programação contou com encontros de Violeiros, Romeiros; Festa do Divino, de Reiadas e São Gonçalo; Corrida de Cavalhada e o Festival da Amizade, que reuniu as manifestações das diferentes culturas mantidas pelas comunidades étnicas existentes no Estado de São Paulo.

A comemoração do mês do folclore em agosto acontece todos os anos e é realizado pelo Instituto Cultural YAUARETÊ, que significa povos das águas em tupi guarani, atualmente com o apoio da Universidade do Sagrado Coração. Os fundadores do Instituto Cultural, Sandra Macedo Pereira e Tito Pereira explicam através de entrevista feita pela autora da importância do evento para a cidade em âmbito cultural e turístico conforme próximo capítulo.

5 TROPEIRISMO COMO IMPOTANCIA CULTURAL E TURISTICA PARA A CIDADE DE BAURU SEGUNDO ENTREVISTA

Através de um encontro realizado no dia 13 de novembro em uma sala na Universidade do Sagrado Coração com os agentes culturais Tito Pereira e Sandra Macedo Pereira e com o Professor Doutor Antonio Walter Ribeiro de Barros Jr, foi realizado uma metodologia de pesquisa direta quantitativa descritiva, por meio de entrevista estruturada com o objetivo de demonstrar a influencia que o tropeirismo possui para o turismo na cidade de Bauru.

Foram feitas cinco questões para ambos os entrevistados a fim de expressar o tropeirismo como meio turístico e cultural através de eventos culturais folclóricos e as potencialidades que este pode trazer para a cidade em âmbito socioeconômico.

A primeira questão feita trás a representação do movimento tropeiro para o Estado de São Paulo. Segundo Tito Pereira, o tropeirismo representa o resgate de patrimônio cultural, visto que São Paulo e todo seu estado foi povoado através dos tropeiros, e se desenvolveu em todo seu espaço físico pelas caminhadas e paradas dos caminhos tropeiros. Coloca também a questão da religiosidade destes homens que difundiu por todos os cantos do estado. Já Sandra Macedo Pereira acrescentou neste movimento citando o avanço nas trocas de mercadorias e todo o nicho que o tropeiro trouxe consigo pelas caminhadas. O Professor Antonio Walter contribuiu informando como o movimento todo é uma celebração, com religiosidade, musica, culinária, vestimentas típicas, além de contribuir com a idéia de povoamento de todo o país, porque não, afinal os tropeiros buscavam mulas e bois no Sul do Brasil para comercialização no Nordeste do país, portanto resgata todo o processo de colonização da historia. Também ressalta o tropeiro como propagador cultural do caipira.

Em um segundo momento da entrevista foi questionado o que o tropeiro representa para a cidade de Bauru. Sandra Pereira apontou a questão do resgate das historias do folclore e cultura da região, afirmando que o tropeiro trás a lembrança nas pessoas que se permitem o contato com a historia. Tito Pereira por sua vez, demonstrou essa representação do movimento para a cidade na necessidade de propagação da cultura tropeira

que é de suma importância na história da região e que está presente em nossos costumes e tradições, culinária e religiosidade. Citou como importância turística para a cidade, pois conta que nos eventos folclóricos que são realizados em Bauru, conta com visitantes de toda a região que participam do evento na cavalcada pela cidade e afirma justamente a questão da importância dessas manifestações para o caipira, que vive o resgate cultural. Já Sandra complementou afirmando que as pessoas mais ligadas a terra, ou seja, as pessoas que foram criadas nos sítios, fazendas, comunidades menores e com maior contato com os aspectos naturais, são mais conscientes desta necessidade de cultivar as raízes, a cultura, os costumes, afinal, são através destas riquezas que chegasse ao presente, ou seja, ao desenvolvimento de grandes pólos populacionais.

A terceira e quarta questões colocadas em pauta foi sobre a importância do evento para a manutenção da cultura e como este acontece na cidade de Bauru. Sandra explicou que o evento ocorre como um movimento que busca do folclore como título, sendo separado em dois dias de celebração, o primeiro conta com apresentações artísticas em geral (dança, música, teatro, culinária, pintura entre outras manifestações) e o segundo dia se destina apenas a uma grande exposição de artesanato e a cavalcada tropeira, que tem início na Avenida Nações Unidas com a Avenida Nuno de Assis, passando pelo Shopping e terminando no Parque Vitória Régia onde a celebração da cultura e folclore acontece durante todo o dia. Tito salientou que a celebração já é a própria manutenção da cultura.

Por último foi questionado a importância do evento e cultura tropeira para o turismo. Tito, que também representa o turismo na cidade de Bauru, mostrou seu olhar crítico referente à questão e informou que o evento movimenta todo o *trade* turístico da cidade, pois convida toda a região para conhecimento maior das potencialidades da cidade, visto que, o turista chega para assistir um festival folclórico e acaba percebendo outras atividades que a mesma pode oferecê-lo, como o mercado de comércio que Bauru oferece e tantos outros atrativos como o Jardim Botânico, o Zoológico e afim. Além dos visitantes, o festival conta com todos os participantes e familiares destes participantes que se deslocam com o propósito de desfrutar do passeio e conhecer um novo destino turístico.

O movimento tropeiro pode ter influenciado no turismo regional através de sua potencialidade cultural? Sim, ele tem influencia direta e indireta para o turismo regional e para a cidade de Bauru através de sua potencialidade cultural, visto que movimenta um cenário de resgate histórico social da cultura caipira, tornando-se junto com o folclore e suas tradições um atrativo turístico de potencial, pois engloba todo o trade turístico da cidade, fomentando nos visitantes a curiosidade, a hospitalidade e vontade de visitar a cidade de Bauru e conhecer todo o percurso feito pelos tropeiros na região próxima a cidade.

Para explicar de forma coesa como o tropeirismo influencia de forma direta e indireta o turismo regional é necessário compreender que o turismo começa com os caminhos das tropas que viram estradas e destas estradas surgem à possibilidade de locomoção, os caminhos começam a ficar pequenos, a vontade de conhecer o desconhecido aflora com a viabilidade de se terem como realizar as expedições, a final, o desenvolvimento trás as maquinas, a tecnologia chega e o que era longe passa a ficar perto. E o responsável por abrir caminhos, quebrar fronteiras, encontrar meios de alojamentos, iniciar vilas, trazer e levar noticias, despertar vontades de descobrir o diferente, o lugar, o passeio, de realizar uma viagem, é o agente tropeiro.

Os caminhos são percorridos até hoje por milhões de pessoas, que pegam seus automóveis e viajam pelas estradas a fora, parando para descansar, conhecer, desfrutar e principalmente, conviver com uma realidade diferente. Portanto, o Tropeiro iniciou um movimento de ir e vir livremente, de dar um nó na distancia para chegar às ilusões que todos os elementos humanos possuem. Como não considera-lo um turista? Um agente cultural? Um incentivador de comercio e comunidade? Não há como negar a influencia deste propagador humano no âmbito turismo e cultural. Contudo, sua historia não é reconhecida como deveria, e sua ligação com o turismo não é feita de forma justa.

Infelizmente a trajetória do tropeiro ficou apenas na historia, guardada para aqueles que buscam um pouco mais de conhecimento. E o que falta para o movimento tropeiro ou mesmo um festival de folclore alcançar o sucesso que um show internacional alcança? Divulgação. Hoje o assunto folclore não é

posto em pauta dos grandes meios de divulgação, pois o mesmo não tem o poder de consumo que um modismo possui. Se a prefeitura junto com os meios de comunicação desenvolvesse um bom trabalho de divulgação para os eventos culturais que acontecem na cidade de Bauru, a repercussão seria enorme, visto que o evento em si tem potencial para atingir uma gama de pessoas muito maior e assim aumentar ainda mais a visão dos visitantes sendo Bauru um destino turístico cultural promissor.

6 CONCLUSÃO

O estudo sobre o movimento tropeiro e sua influencia no turismo de Bauru trás conclusões simples e propostas de melhoria para o desenvolvimento da cultura caipira tradicional interiorana. O tropeiro como agente cultural e propagador de raízes vem demonstrar a importância dos eventos folclóricos e culturais para a região interiorana, para os visitantes e participantes da celebração e para o desenvolvimento socioeconômico da cidade que sedia este tipo de espetáculo.

Estes eventos que tem como objetivo resgatar a identidade das comunidades que pertenciam e permanecem no estado de São Paulo através de uma celebração artística e cultural trazendo os costumes e valores para os espetáculos de danças, músicas, artesanato, culinária, caminhadas, encontros religiosos, enfim, tudo que envolve e engloba o mundo do folclore brasileiro, onde o intuito é a manutenção destas raízes nas quais se formou as tribos e comunidades que temos hoje por todo o Brasil e especialmente no estado de São Paulo.

Esta importância por parte dos organizadores, aqueles que fazem o espetáculo e dos participantes e visitantes é o que fomenta a busca de conhecimento educacional em todos os âmbitos sociais da população paulistana. Pois além de ostentar uma busca constante de sabedorias antepassadas, toda a organização do evento propõe um avanço socioeconômico para as cidades sedes destes festivais. Contudo, há melhorias a serem feitas que estejam ligadas primeiramente em questão de incentivo educacional por parte do estado, tentando buscar maior interesse da população por cultura em geral e posteriormente o que falta para esses eventos serem excepcionais é divulgação por parte da mídia, que infelizmente não vê interesse em propagar o que não vende a população.

Se tratando da cidade de Bauru, onde já foi e ainda é sede de projetos culturais com os mesmos objetivos de resgate e manutenção da historia brasileira e com as mesmas dificuldades por parte de incentivo na educação e divulgação, pode-se afirmar que o evento mobiliza todo o *trade* turístico da cidade, visto que o mesmo trás visitantes regionais para o movimento e através deste, apresenta a cidade desvendando outros atrativos aos

visitantes, propondo de forma indireta o retorno destes turistas para descobrir outros segmentos, além do cultural, na cidade sede, além de movimentar hospedagem, restaurantes, bares, comercio, transporte para os que estão na cidade por conta do evento.

O tropeiro entra neste contexto cultural e turístico muito antes do que se possa imaginar, uma vez que este já está interligado ao turismo quando suas expedições eram feitas de viagens, hospedagens, culinárias típicas, propagando a cultura de seus costumes e valores e desenvolvendo lugarejos em vilas e posteriormente cidades por onde passava, ou seja, pelo interior do Brasil.

A relação é clara, dinâmica e espontânea, pois não haveria transporte senão fossem os desbravadores tropeiros com seus muares a começar a formação de entradas e povoamento interiorano, sem contar com o comercio estimulado todo o tempo pelos mesmos nas feiras de Sorocaba e trajetos interligando o Sul ao Norte para venda e compra de mulas, gados, cavalos e tudo que supria de cenário dessas tropas em meio das matas transformadas em caminhos.

Portanto, não há possibilidade de falarmos de cultura, propagação e manutenção da mesma, assim como turismo e desenvolvimento socioeconômico de uma região sem voltar para a historia e citar o movimento tropeiro e sua contribuição para o desenvolvimento total do interior do país.

Para finalizar, proponho a todas as cidades que tem o intuito de manutenção de suas culturas a realização destes eventos, até mesmo para influenciar o turismo e propagar a peculiaridade que cada região esconde em seu folclore.

REFERENCIAS

ALGATÃO, Filipi. *O tropeiro como propagador cultural e mola mestra da cultura cafeeira no século XIX*, 2010. Disponível em:

<www.revelandosaopaulo.org.br>. Acesso em: 10 nov. 2012.

ALMEIDA, Aluisio de. *Vida e morte do tropeiro*. Martins/EDUSP, São Paulo, 1971.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na sociedade escravocrata*. Ática. São Paulo, 1974.

KLEIN, Herbert S. *A oferta de muares no Brasil Central: o mercado de Sorocaba, 1825-1880*. Estudos Econômicos - São Paulo. Vol.19, no2, maio-ago, São Paulo, 1989.

MATTOS, Mario. *Fases de prosperidade e de declínio do tropeirismo*. In: Bonadio, G. (org) *O Tropeirismo e a formação do Brasil*. Academia Sorocabana de Letras e Fundação Ubaldino do Amaral, Sorocaba, 1984.

OLIVEIRA, Sergio Coelho de. *“O tropeiro após as feiras de Sorocaba”* In *Tropeirismo e a identidade cultural da região de Sorocaba*. Academia Sorocaba de Letras, Sorocaba, 1983.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro. A formação e Sentido do Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo, 1994.

SCHIMIDT, Carlos Borges. *Tropas e tropeiros*. Boletim Paulista de Geografia, nº 32 – junho, São Paulo, 1959.

STRAFORINI, Rafael. *No Caminho das Tropas*. TCM - Comunicação, Sorocaba, 2001.

TRINDADE, Jaelson Bitran. *Tropeiros*. Editoração Publicações e Comunicações, São Paulo, 1992.

APÊNDICES

APENCIDE A - QUESTIONARIO

QUESTIONARIO

- 1 - O que representa o movimento tropeiro para o estado de São Paulo?
- 2 - O que representa o movimento tropeiro para a cidade de Bauru?
- 3 - Qual a importância do evento do movimento tropeiro para a manutenção da cultura?
- 4 - Como o evento acontece na cidade de Bauru?
- 5 - Qual a importância do evento e cultura tropeira para o turismo na cidade de Bauru?